Superando Fronteiras

O encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30)

QUANDO A VISÃO COMEÇA A CLAREAR

Apoiando-se nos cotovelos, Bartolomeu levantou a parte superior do corpo e olhou ao redor. Todos pareciam estar dormindo. Não fossem as águas quebrando à beira do lago e a vegetação sacudindo suavemente ao embalo da brisa, o silêncio seria absoluto. Longe de tranqüilizá-lo, aquela calma o deixava inquieto. Há quanto tempo não estaria ali deitado, revolvendo-se de um lado para o outro, à procura da posição mais confortável para conciliar o sono? Sentia-se dividido: o corpo queria entregar-se confiantemente ao chão, mas a mente continuava acesa, atiçada pelas impressões da última viagem.

Acabavam de chegar da Fenícia, região costeira ao norte da Galiléia, após uma caminhada estafante de vários dias. Estavam acostumados a perambular pelas aldeias e povoados em torno do lago de Genesaré. Desta vez, porém, o mestre decidira ultrapassar as fronteiras da tetrarquia de Herodes Antipas. Procurava um lugar de refúgio e tranqüilidade, após uma discussão acirrada com fariseus e escribas vindos de Jerusalém. Atraídos qual mariposas pela luz que brilhava na Galiléia, os adversários queriam saber por que o mestre permitia aos discípulos comer com as mãos impuras, sem submeter-se às purificações previstas em lei. Ele respondera que a impureza não atinge o ser humano de fora, como uma fatalidade, e sim, nasce dentro de seu próprio coração. Quis dizer que é com base numa decisão que se toma que se há de qualificar alguma coisa como pura ou impura. De qualquer forma, a presença das autoridades denunciava que o eco de sua mensagem começava a repercutir no centro do poder. Uma tempestade estava se armando. Por isso ele havia procurado um local para aliviar a tensão. Agora estavam de volta.

Ainda imerso em seus pensamentos, Bartolomeu levantou-se e foi em direção ao lago. Lavou o rosto com a água fria e ficou observando as águas encrespadas iluminadas pela lua. As imagens da viagem não o abandonavam. O

caminho para o norte não lhe era completamente estranho. Desta vez, porém, muitas coisas ocultas foram se desvendando aos seus olhos. Desde há muito sabia que boa parte de seu povo vivia na diáspora. Alguns haviam deixado voluntariamente a pátria em busca de melhores condições de vida. A maioria saía por pressões sociais e econômicas. Ficava cada vez mais difícil sobreviver na Galiléia, onde as melhores terras estavam nas mãos de ocupantes estrangeiros e onde o peso dos impostos assumia proporções exorbitantes. Até mesmo os que possuíam alguma propriedade não passavam de meeiros na própria terra.

QUANDO O SONHO E A REALIDADE SE CONTRADIZEM

No caminho para a região de Tiro eles haviam encontrado muitos desses retirantes. A maior parte vivia precariamente em pequenas aldeias, tentando extrair da aridez do solo a sobrevivência para a família. Outros haviam seguido adiante, estabelecendo-se na cidade como comerciantes e artesãos. Onde quer que fossem, levavam consigo o bem mais precioso, que tirano algum conseguia lhes arrancar: a tradição dos pais. Ela lhes falava de um Deus fiel e misericordioso, que acompanha o seu povo nos tempos de sua peregrinação, que o liberta da escravidão e da opressão dos malfeitores, que o acumula de bênção e proteção, mas requer obediência e adoração exclusivas[1].

Em suas andanças pela região haviam evitado o contato com Tiro, a cidade portuária rica e famosa do Mediterrâneo. Preferiram percorrer sua área interiorana, circulando por paisagens geográficas e humanas mais familiares[2]. Mas nem aqui puderam passar despercebidos. A fama do mestre havia ultrapassado as fronteiras, antes mesmo de ele passar por ali. De longe as pessoas parecem cheirar onde brota um sinal de esperança.

Como costumava acontecer na Galiléia, também aqui foram acolhidos nas choupanas simples e rudes da população campesina. Enquanto os hospedeiros repartiam a sua pobreza, o hóspede, com suas palavras, fazia brotar em seus corações o sonho e o desejo de uma realidade transfigurada, desencadeada pela ação salvadora de Deus. Bem-aventurados vós os pobres, dizia-lhes o mestre, porque vosso é o Reino de Deus. Bem-aventurados vós os que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós os que agora chorais, porque haveis de rir.

As pessoas pareciam fascinadas pelas palavras que tão profundamente tocavam em sua realidade. Pobreza, fome e choro faziam parte de seu cotidiano. Vida abundante, saciedade e alegria era tudo o que podiam desejar e necessitar.

1. A diáspora judaica ao norte da Galiléia é significativa. A existência de aldeias judaicas na região de Tiro é atestada em vários trechos da obra de Josefo. Em *Bellum Judaicum* 2,588, por exemplo, ele faz a seguinte referência ao grupo comandado por João de Giscala, um dos líderes da revolta judaica contra os romanos: "Ele ajuntou um bando de 400 cúmplices, em especial fugitivos da região de Tiro e de suas vilas". Como durante o sítio de Jerusalém são eles que defendem o pátio externo do Templo, pode-se concluir que praticavam a fé judaica.

2. A existência de uma área rural subordinada à cidade de Tiro pode ser fundamentada na obra de Josefo, antes mencionada. "A fronteira norte da Galiléia é formada por Tiro e pela região tíria (3,38)". Quando os textos dos evangelhos mencionam Tiro, eles se referem à sua área rural, e não à cidade. Mc 7,24 diz que Jesus se retirou à *região* de Tiro. Em Mc 3,8, parte da multidão que busca ajuda junto a Jesus provém dos *arredores* de Tiro. Essa circunscrição à área rural é tanto mais notável quando se percebe que à época da formação dos evangelhos já havia uma comunidade cristã na cidade de Tiro (At 21,3-6). Ela teria todo o interesse em preservar a ligação de habitantes da cidade com Jesus, caso a tradição o permitisse.

Mas como incluir-se entre os bem-aventurados quando a realidade contradiz tão brutalmente o sonho acalentado?

Permanecia muito viva na lembrança de Bartolomeu a imagem daquele homem alquebrado, menos pela idade e mais pelo trabalho fatigante. Parado diante do mestre ele protestou: Deixei minha aldeia em Giscala, disse ele, porque ali o espaço de vida foi se reduzindo cada vez mais. Pensei em recomeçar nessas plagas, mas novamente não me pertence o pouco que posso produzir. Minhas crianças continuam chorando pela falta de pão. Muito cedo descobri que havia trocado apenas de senhores. Que motivos tenho eu para me alegrar?

Bartolomeu entendeu o que o homem quis dizer. A região estava sob o campo de influência da poderosa cidade de Tiro. Sempre disposta a ampliar seus domínios, ela recebera de Roma o beneplácito de cidade livre[3]. Com sua história milenar, era famosa por sua riqueza baseada na metalurgia, na indústria de vidro, na produção de púrpura e principalmente no comércio estendido a todo o Mediterrâneo. Sinal de sua importância econômica era a estabilidade de sua moeda, adotada pelo próprio Templo de Jerusalém como oficial, não obstante apresentar uma efígie de Melkart, o deus tutelar da cidade.

A cidade contava, porém, com uma limitação. Estava situada numa ilha, ligada ao continente por um pequeno istmo construído no período de Alexandre Magno. Sua área agricultável era exígua, incapaz de atender à voracidade da população local. Por isso dependia do suprimento de produtos elementares como trigo, cevada, lentilha, vinho, azeite, bálsamo[4]. Tanto o interior da Galiléia como a área agrícola em torno de Tiro eram fornecedores de produtos alimentícios para a metrópole portuária. Com base em sua hegemonia comercial, a cidade era rica e poderosa o suficiente para suprir as suas necessidades às custas da população campesina, seja em tempos normais ou de crise. Era a sina dos camponeses: produzir para a cidade, enquanto eles mesmos muitas vezes não dispunham do necessário para sobreviver. Na disputa entre cidade e campo pelos bens necessários à vida, a corda arrebentava sempre do lado mais fraco, ou seja, o campo.

QUANDO FALTA PÃO AOS FILHOS E MIGALHAS AOS CACHORRINHOS

Sentado numa grande pedra à beira do lago, Bartolomeu pôde sentir como repentinamente o vento aumentou de intensidade e como as águas foram se tornando revoltosas e ameaçadoras. Era como se um terrível monstro marinho tivesse acordado de um longo período de adormecimento, instalando o caos onde antes parecia reinar uma paz inquebrantável.

3. O interesse pela expansão territorial se observa já no AT: O rei Hirão recebeu de Salomão 20 cidades da Galiléia em troca do fornecimento de madeira e ouro para a construção do Templo e do palácio real – uma transação que Josefo teria encontrado nos arquivos da cidade (1Rs 9,10-14; *Contra Apionem* 1,110). Em *Bellum Judaicum* 3,35, Josefo se reporta ao Monte Carmelo, "que outrora pertencia à Galiléia, mas agora pertence aos tírios". No período neotestamentário tal expansionismo foi dificultado pela existência de governantes fortes na Palestina.

4. A necessidade da importação de víveres era uma constante na história de Tiro. Segundo 1Rs 5,11, Salomão forneceu trigo e azeite ao rei de Tiro, em troca de madeira para a construção do Templo. Reportando-se a esse texto, Josefo diz: "Salomão enviou cada ano a Hirão cereais, vinho e óleo que ele precisava continuamente, porque habitava em uma ilha" (*Antiquitates* 8,141). Ez 27,17 informa que Judá e a terra de Israel forneciam trigo, mel, azeite e bálsamo. O indício mais recente de que a região dependia da produção agrícola da Galiléia encontramos em At 12,20, onde se pressupõe que, aparentemente por questões alfandegárias, Herodes Agripa declarou uma guerra comercial contra os habitantes de Tiro e Sídon, cortando-lhes as exportações.

De súbito Bartolomeu sentiu ao seu lado a presença de André. Apesar de ser um pescador experimentado nos segredos daquelas águas, com certeza a fúria da natureza sempre de novo fazia despertar em seu interior lembranças angustiantes, em que a vida ameaçava naufragar sob a ameaça das ondas. "Isso me faz lembrar o turbilhão que representou em nosso meio a presença daquela mulher", disse Bartolomeu. André não entendeu. Bartolomeu falou-lhe então sobre o que vinha meditando desde a segunda vigília da noite.

O que Bartolomeu agora evocava havia marcado profundamente a passagem do grupo pelo território de Tiro. Eles estavam hospedados na casa de um dos camponeses da região. Subitamente apareceu ali uma mulher, atraída pela fama do mestre que, mesmo contra sua vontade, se espalhava como bom perfume. Prostrando-se a seus pés, a mulher abriu-lhe seu coração. A vida não lhe era completamente hostil. Mas estava angustiada com a situação desesperadora de uma filha possessa por um espírito imundo. Ouvira dizer que o mestre curava pessoas e as libertava de poderes escravizadores, arrancando-as de sua deformação e alienação e reconduzindo-as novamente aos braços amorosos de Deus. Mesmo sem fazer parte do povo de Deus disperso ali por aquela região, viera implorar ajuda para a sua filhinha doente.

A resposta enigmática do mestre deixara desconcertados os próprios discípulos e soara como ofensiva para a mulher: Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.

Parte do enigma parecia fácil de resolver: os cachorrinhos seriam os pagãos, como aquela mulher. Assim se costumava designar os que não faziam parte do povo de Deus. Os filhos seriam os judeus[5]. Mas o que poderia significar o conjunto das palavras?

André entrou na conversa. Pensativo, arriscou: Talvez o mestre quisesse colocar suas palavras à luz dos desígnios de Deus. Não são os judeus os seus filhos prediletos, chamados a ser seu povo em meio às nações? Não se entende o nosso mestre como o pastor enviado por Deus para congregar as ovelhas dispersas e perdidas do seu rebanho? Não pretende ele reconstituir novamente o povo de Deus que lhe renda os devidos frutos? A essa tarefa ele tem se dedicado. Lembra como nos instruiu a não tomar o rumo aos pagãos e a não entrar em aldeias samaritanas, mas a procurar as ovelhas perdidas da casa de Israel? As necessidades de outros povos e nações, como as dessa mulher pagã, terão o seu próprio tempo. Primeiro devem fartar-se os filhos. Mais tarde também os cachorrinhos haverão de ter a sua vez. Ao ver aquela mulher prematuramente a implorar-lhe ajuda, o mestre comparou-a a um cachorro que estava pretendendo sentar-se à mesa com os filhos, para dividir com eles os alimentos[6].

5. Rabi Aqiba, por exemplo, reproduz a autoconsciência dos judeus ao dizer: "Amados são os israelitas, pois foram chamados de filhos de Deus (Ab 3,14)". A palavra "cachorro", como em quase todas as línguas, enriquecia o vocabulário dos insultos (1Sm 17,43; 2Rs 8,13; Pv 26,11; Fl 3,2; 2Pd 2,22; Ap 22,15). Sua identificação com os gentios transparece nessa palavra de Rabi Eliezer: "Quem come com idólatra é como quem come com cão; assim como o cão não é circuncidado, também o idólatra não o é" (Pirqe R. Eliezer 29).

6. A interpretação histórico-salvífica, aqui aludida por André, encontra muito eco entre os pesquisadores deste texto. Segundo ela, o texto reflete uma luta travada no interior das comunidades, na qual foi superado um exclusivismo salvífico com o argumento da primazia de Israel. O v. 27b (Não é bom...) teria sido formulado por um grupo que queria impedir o acesso dos gentios à comunidade. O v. 27a (Deixa primeiro...), em contraposição, seria uma relativização secundária da outra posição: Um "não absoluto" teria sido transformado num "por enquanto não". O esquema da primazia de Israel era corrente nas primeiras comunidades (At 13,46; 18,6; Rm 1,16), razão pela qual influenciou decisivamente na interpretação dessa perícope.

Pode ser, retrucou Bartolomeu. Nosso mestre realmente tem orientado sua ação ao povo de Israel. Mas também é verdade que ele não se negou a prestar ajuda ao servo daquele centurião romano em Cafarnaum. Por que teria procedido de forma diferente no caso da mulher?

Diante da ponderação do companheiro, André procurou um outro caminho: Ou talvez as palavras do mestre devam ser entendidas não como rejeição do pedido da mulher, e sim como um jogo de palavras destinado a provar a sua confiança, humildade e perseverança em Deus. Nesse caso, nosso mestre estaria propondo a fé e a confiança como o novo critério de acesso ao povo de Deus, como instrumento pelo qual se recebe as suas dádivas[7].

A confiança demonstrada pela mulher de fato foi comovente, continuou Bartolomeu, e acabou se tornando para nós mesmos um exemplo de fé que continua a apostar em Deus contra todas as aparências, esperando dele a salvação. Mas por que, a um pedido de cura, nosso mestre teria dado uma resposta que fala de pão? Em que sentido a salvação de um doente, mesmo em se tratando de uma criança pagã, seria equivalente a tirar o pão dos filhos?

Diante do olhar atônito e atento de André, Bartolomeu se sentiu encorajado a prosseguir: Estou procurando entender as palavras do mestre à luz do que nos foi permitido ver e ouvir na região de Tiro. Quando ali se fala de pão, não se busca em primeiro lugar um significado simbólico para a palavra, mas se pensa concretamente naqueles frutos da terra destinados a saciar a fome e a dignificar a vida humana. Mesmo que em meio a trabalho e sacrifício, a terra concede o necessário a todas as criaturas. O camponês que lança a semente de trigo à terra pode perceber como Deus continua realizando o milagre da multiplicação dos pães. Mas o pão milagrosamente multiplicado não está sendo dividido de forma justa. Quando se divide o que se tem, há o necessário para todos, como mostrou o mestre há alguns dias atrás para as cinco mil pessoas no deserto. Ao contrário, quando alguns acumulam o trigo em seus celeiros, querendo garantir o futuro e recusando-se a recebê-lo como um presente das mãos de Deus, o pão vai faltar na mesa de muitos. Foi o que vimos na região de Tiro: Conterrâneos nossos trabalhando para suprir os celeiros dos ricos comerciantes da cidade em troca de vida dura e falta de pão.

Em sua resposta à mulher, continuou Bartolomeu, foi contra essa situação que o mestre se insurgiu. Após ouvir o clamor generalizado por pão em meio aos campos cultivados, ele tinha diante de si uma pessoa com o status daqueles que tiram proveito da situação: uma mulher siro-fenícia que adotara a cultura helenista[8] das camadas dominantes da população[9]. Se as relações normais são

7. A compreensão paradigmática do texto também encontra muitos adeptos entre os intérpretes. Ela vê no comportamento da mulher um paradigma de uma fé colocada em provação e tentação que, contra todas as aparências, continua a agarrar-se em Jesus. Lutero, por exemplo, afirmou que a resposta de Jesus ao pedido da mulher poderia ter partido em mil pedaços o seu coração e a sua fé. Mas ela continuou se agarrando na Palavra de Deus, e com fé perseverante foi capaz de descobrir o *sim* secreto de Deus por trás do *não* aparente (WA 17/2, 200-204).

8. O texto caracteriza a mulher como *grega*, de *origem siro-fenícia*. A segunda expressão, como mostra a palavra grega *génos*, indica a origem da mulher em sentido étnico. Ela havia nascido na região siro-fenícia (o preposto *siro* serve para diferenciar a região da libo-fenícia, na África do Norte).

A primeira expressão (*grega, helénis* na língua original) pressupõe que a mulher conhecia a língua grega e estava integrada em sua cultura. Como em At 4,36 e 18,2, alia-se um fator invariável (origem étnica) com um fator variável (cultura, religião, local de moradia) para caracterizar uma pessoa. Jesus e a mulher devem ter-se comunicado em aramaico, também falado na Fenícia.

9. Alguns indícios permitem supor que a mulher pertencia à camada superior:

assim que nossos patrícios são obrigados a mendigar o pão que ajudaram a produzir, agora a situação parecia inverter-se: uma helenista das camadas superiores viera implorar ajuda a um pregador e exorcista judeu, a um representante do povo que normalmente é passado para trás. A resposta indignada do mestre serviu para marcar seu protesto: Não é justo conceder minhas dádivas aos cães que não permitem que o pão necessário de cada dia chegue à mesa dos filhos.

QUANDO OS DIFERENTES PODEM DAR-SE AS MÃOS

Durante muito tempo Bartolomeu e André ficaram sentados à beira do lago, conversando sobre a maneira comovente como a mulher siro-fenícia reagiu às palavras de Jesus. Ela poderia mostrar-se ofendida, retirar-se revoltada ou tentar justificar-se. Mas não fez nada disso. Ela sabia das distâncias que a separavam do mestre e do seu povo espalhado por aquela região. Sabia dos preconceitos de parte a parte[10]. Eles não eram provocados simplesmente por difamações gratuitas. Eram alimentados por relações econômicas desiguais e injustas, aprofundadas por distâncias sociais, culturais e religiosas.

Ao procurar o mestre, portanto, ela sabe das barreiras que os separam. Mas quer dar a sua contribuição para superá-las. Aceita com humildade o insulto que a rebaixa ao nível dos cachorros. Mas sabe como extrair o veneno das palavras a ela endereçadas: Assim como os cachorrinhos que aguardam ansiosamente o seu alimento ao pé da mesa, bastam-lhe as migalhas do Reino de Deus para saciar a sua fome. Essas migalhas representam sua esperança. São elas que podem restaurar no rosto desfigurado de sua filhinha à imagem de Deus. Onde iria encontrá-las em outro lugar?

Ao mesmo tempo, com sua atitude ela ajudou o próprio mestre a superar os seus preconceitos. Em sua demonstração de fé e humildade, ele reconheceu-a como uma daquelas que vêm de longe para tomar um lugar à mesa com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos céus. O mestre saiu da região de Tiro tão transformado quanto a mulher. A obra do demônio mais uma vez sofreu prejuízo. No encontro entre povos, classes e culturas diferentes, ajuda humana só acontece quando ambas as partes estão dispostas a deixar-se transformar.

a) Em toda parte a helenização atingia em primeiro lugar as camadas mais altas da população. É claro que também nas camadas inferiores se falava eventualmente o grego. Mas uma mulher simples com poucos conhecimentos de grego jamais seria caracterizada como *helénis*.

b) Ao referir-se ao local em que a menina estava deitada, o texto original utiliza a palavra *klínes* (cama elegante), em contraposição a *krábatos* (cama das pessoas pobres).

c) Foi assim que a tradição apócrifa entendeu a posição social da mulher. Na versão pseudoclementina do texto, a mulher, que se chamava Berenice, tinha meios de comprar jovens náufragos como escravos e dar-lhes uma formação grega. Ela acaba se casando com um crente pobre, como a mostrar que por causa da fé é necessário renunciar ao status e à riqueza. Na mesma versão, a filha se chama Justa e permanece solteira.

10. A hostilidade dos tírios contra os judeus se mostra nessa palavra de Josefo: "Os egípcios têm a orientação mais negativa contra nós; entre os fenícios, porém, são os tírios" (*Contra Apionem* 1,70). A própria comunidade cristã de Tiro demonstra apreensão e medo quando da visita de Paulo àquela cidade (At 21,3-6).

De parte dos judeus, basta lembrar as palavras proféticas que condenam Tiro como uma cidade rica e ímpia (Is 23; Ez 26–28; Jl 3,4; Zc 9,2-4). Também o dito profético de Mt 11,21-24 pressupõe, de certa forma, que Tiro e Sídon eram colocadas na mesma categoria que Sodoma.

BIBLIOGRAFIA

GNILKA, Joachim. *El evangelio según San Marcos.* Salamanca, Ed. Sígueme, 1986.

THEISSEN, Gerd. Lokal- und Sozialkolorit in der Geschichte von der syrophönikischen Frau (Mk 7.24-30). *In: ZNW* 75, 1984, p. 202-225.

Verner Hoefelmann
Rua Martinho Lutero, 342
93001-970 São Leopoldo, RS